

## A CRÔNICA de Rubem Braga

8/9/60

### UMA EXPLICAÇÃO

**A** ESTA altura desta série de crônicas-reportagens sobre a Petrobrás acho bom dar uma explicação. Foi à Bahia a convite da direção da empresa, e talvez ainda visitando outros serviços seus. Na Bahia conversei com muitas pessoas de dentro e de fora da Petrobrás, e dentro do tempo limitado de que dispunha, procurei me informar o melhor possível sobre a marcha dos serviços. Não fiz, porém, entrevista formal com ninguém. Tudo o que tenho escrito aqui fica sendo de minha responsabilidade pessoal. Fica sendo porque é mesmo.

Pensei, antes de publicar estas crônicas, mostrá-las a um engenheiro da Petrobrás de minhas relações, para evitar enganos e impropriedades fáceis de acontecer quando um leigo escreve sobre assunto que envolve problemas técnicos. Não o fiz porque achei melhor não o fazer; prefiro correr o risco apontado e trazer o assunto diretamente para o público, pois acredito no debate público desses assuntos e penso que só eles podem criar um clima de discussão sadia e construtiva. Sou apenas um jornalista, sem qualquer especialização, e acredito que ainda assim possa ser útil. Uma das utilidades do jornalista está em que ele é essencialmente um agente provocador, no melhor sentido da palavra; e ficarei contente se com estas notas conseguir provocar algum debate dentro ou fora da Petrobrás.

Se continuar de pé o convite que me foi feito para percorrer as diferentes regiões da Petrobrás, eu o aceitarei, sempre que tiver tempo; faço justiça aos homens da Petrobrás não imaginando que, ao me convidarem, quizeram ler apenas elogios. Não tenho fama de fogueteiro. Sou um jornalista, e não homem de relações públicas ou de publicidade — atividades que muito respeito e admiro mas que são diferentes das minhas.

Cada dia se faz mais firme a minha convicção de que, no caso do Brasil, o monopólio estatal é uma necessidade, seja do ponto-de-vista econômico, seja do ponto-de-vista político. Seria uma burrada de todo tamanho modificar a nossa política nesse sentido; sejam quais forem as pressões internas e externas, que, aliás, não têm faltado. Creio, entretanto, que a crítica é necessária para que os responsáveis pelo monopólio estatal possam estar sempre alertados contra os perigos da burocratização e outros inerentes a toda grande empresa dessa espécie.

Acho possível que algumas das críticas por mim feitas possam ser usadas amanhã como arma pelos que combatem a Petrobrás. Não está em mim impedir que se faça este ou aquele uso do que escrevo. Mas confio, em todo caso, na inteligência do público, e se não confiasse não estaria aqui a gastar meu tempo com um assunto no qual não tenho nenhum interesse pessoal, mas apenas aquele que todo brasileiro tem na solução do problema do petróleo.

P. S. — Na crônica de ontem, onde saiu "metro quadrado", leia-se, por favor, "metro perfurado".

8/9/60

149